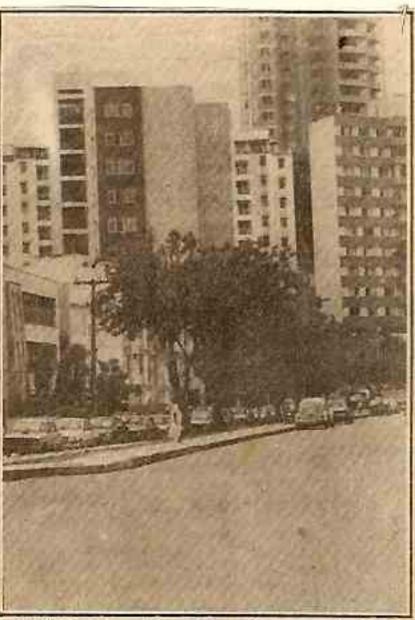
À sombra de árvores centenárias e em meio à nobreza, um bairro de ruas tranqüilas e bem cuidadas

Chame-Chame, entre o mar e o comércio

Plantado entre bairros "nobres" mas com alguns bolsões de pobreza ao redor, o Chame-Chame tem fácil acesso para o centro da cidade e fica situado à pequena distáncia do mar e de todas as luzes da Orla. È um bairro autosuficiente em servicos, pontilhado por aconchegantes edificios residenciais construídos em ruas tranquilas - grande parte delas ainda calcadas com paralelepipedos. Talvez por essas coisas, ou quem sabe pelas árvores centenárias que dão sombra em quase todas as calçadas, o Chame-Chame continua valorizado pelas suas feições de um local de moradia aprazivel, embora seja crescente uma tendência a abrigar empreendimentos comerciais.

Até a década de 40, o lugar não passava de um imenso

brejo, um matagal intransponível, cortado por uma estradinha entre a "ladeira"
onde hoje funciona o IBIT e a Alameda
da Harra, onde os antigos moradores pegavam as "marinetes" para ir ao centro e
outros pontos da cidade. A elite soteropolitana da época descobriu o ChameChame um recanto ideal para a construção de suas casas de veraneio e o bairro
passou a contar com dois tipos de habitantes; as pessoas de baixa renda, em número bem maior, ocupavam quase toda a
área com toscas casas de alvenaria e até
precarios barracos, e os "veranistas". Es-



Edifícios aconchegantes valorizam o bairro

sa ocupação distinta pode ser observada ainda hoje.

Foi a partir do início dos anos 60, depois que a avenida Centenário foi aberta, rasgando uma faixa de terra entre o Vale dos Barris, nas proximidades do Dique do Tororó, até quase perto da pra 1, num ponto equidistante entre as microcomunidade de Ondina, e o Farol da Barra, que o Chame-Chame passou a ser mais densamente povoado. A classe média foi chegando ao mesmo tempo que os conjuntos e edificios residenciais.

UM RIO QUE PASSOU

Apesar da proximidade com áreas agitadas da cidade, como a Barra, a Graça e a avenida Oceânica, o bairro contraditoriamente se caracteriza pela tranquilidade de suas ruas. Nem a implantação do Shopping Barra, em novembro do ano passado, conseguiu alterar esse ritmo. Os moradores não temem sair de casa para tomar uma cervejinha no bar da esquina e aproveitar para bater um papo com os amigos, do jeito como faz o medico Augusto Loureiro, de 57 anos, funcionário da Caraiba Metais. O "bar do Julio" (um espanhol muito reservado), na esquina da rua Plinio Moscozo, è o seu ponto preferido para ler jornal, o que ele faz encostado no balcão de fórmica azul, bem acompanhado por uma e depois outra "loura gelada", bebida suavemente entre uma noti-

"A gente mora em um bairro privilegiado. Aqui tem de tudo", diz Loureiro, que mora há cinco anos na rua Professor Jorge Valente. Ele acredita que uma vocação ao comércio insinuada pelo bairro com a proliferação de empresas prestadores de serviço e lojas - pode ser freada pela presença do shopping. "O que deve subsistir é o comércio de bairro, as quitandas, o que é muito bom para os moradores", diz o médico. Os antigos e insolúveis problemas de alagamentos e transbordamento do canal que divide as pistas da "Centenário", como acredita Loureiro, podem ter sido superados com as obras na avenida feitas quando o "Barra" estava em construção.

O pecuarista Mário Nou, expresidente do Baneb e que mora no Chame-Chame há dois anos, compartilha da opinião de Loureiro acerca do policiamento no bairro. Os dois consideram o serviço "deficiente". O médico vai mais longe e afirma que o módulo policial instalado no largo do Chame-Chame, perto do shopping, não funciona. "Se um sujeito for assaltado os policiais não deixam o módulo para correr atrás do ladrão", diz. "As viaturas ficam paradas do lado de fora e eles conversando do lado de dentro. A gente vive o mesmo problema de toda a cidade"